

A historiografia francesa: o “tom” da obra¹

CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à historiografia*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Maristela Carneiro²

Marie-Paule Caire-Jabinet é professora do Lycée Lakanal de Sceaux e Mestre de Conferências do IEP de Paris, tendo ainda redigido verbetes para a *Encyclopédie Hachette*; autora de *Chronologie de la France depuis 1944* (1998) e *Histoire des Auvergnats et des Bourbonnais*. Na obra *Introdução à Historiografia*, escrito para estudantes de história e ciências sociais, Caire-Jabinet pretende atualizar as grandes linhas historiográficas, descrevendo as principais etapas da construção da ciência histórica, nascente do entrecruzamento da erudição e da reflexão, da análise e da síntese, com especial ênfase à Historiografia Francesa.

Numa perspectiva linear, mas que não abandona a visão do presente, o texto é fluente, compreensível, enriquecido com diversas citações, combinando os principais escritores com as circunstâncias políticas, econômicas, ideológicas, sociais, etc., das diferentes abordagens historiográficas. Divide a obra em 04 (quatro) capítulos, sistematização esta que facilita a compreensão evolutiva da historiografia, inclusive no que tange aos debates acerca da função da História que, conforme a autora, “desempenha um papel importante na construção das identidades coletivas e das sociedades humanas” (p.08).

¹ Resenha apresentada como requisito avaliativo para a disciplina de Teoria II, ministrada pela professora Rosângela Petuba.

² Acadêmica do 3º NA do curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

No primeiro capítulo, “O período medieval: uma história cristã”, Caire-Jabinet expõe que a história era considerada disciplina menor, cujas obras, ainda que numerosas, eram fortemente ligadas à visão cristã dos acontecimentos, e o público, basicamente eclesiástico. Faz-se pertinente observar que a fundamentação da historiografia ocidental é grega, romana e judaico-cristã. A partir do século XII a história é utilizada com a finalidade de legitimação política e pertencimento nacional e, mesmo que a sua escrita tenha sido desenvolvida consideravelmente, ainda não atinge a maioria da população.

Em “Os tempos modernos: do historiador de corte ao erudito”, segundo capítulo da obra, a autora inicia observando que o século XV conserva a tradição historiográfica medieval, explicitada na escrita de *Crônicas*, havendo a busca pela construção de relatos coerentes, sem preocupação erudita, mas que sirvam de instrumentos de preservação do orgulho nacional. O século XVI, no contexto renascentista, promove renovação intelectual, favorecendo o pensamento histórico francês, tanto na reflexão sobre a história quanto na elaboração de um método crítico erudito, para um público pertencente à burguesia parlamentar, que buscam na história “argumentos que possam ser utilizados como fundamentação de suas convicções políticas e nacionalistas” (p.54). O método é inspirado no filológico, a história se laiciza e alguns historiadores e juristas, como Étienne Pasquier e La Popelinière, procuram unir erudição, exigências críticas e reflexão teórica.

Por outro lado, segundo a autora, o século XVII é marcado por estagnação para a reflexão historiográfica, num contexto de valorização experimental, sendo a história colocada basicamente a serviço do ideal monárquico, do “conformismo dominante”, para o registro dos grandes feitos, tornando-se “encenação” (p.64/65), o que resulta na ausência de grandes obras. No entanto, os historiadores dessa época, conhecidos pelo estilo belo e a elegância na escrita, contribuíram significativamente para a conservação do gosto pela história. A erudição é reavivada a partir da grande virada

dos anos 1680-1715.

No terceiro capítulo, “A história adulta: de Voltaire a Lavisse”, Caire-Jabinet constata que no século XVIII as preocupações relacionadas à história de âmbito nacional assumem primeiro plano, especialmente pela sucessivas mudanças trazidas e/ou influenciadas pela Revolução Francesa. Ressalta que a história reconquista o interesse neste século através da filosofia, sendo contida uma “História Filosófica”, para compreensão do presente, em função da ideia de progresso – “buscam encontrar na reflexão histórica uma confirmação para as suas ideias políticas”. Voltaire se coloca como precursor, preocupado com a relação entre erudição e reflexão filosófica, defendendo uma renovação do campo historiográfico; os historiadores desse período não avançam muito, devido a diversos fatores, entre os quais a “inexistência de um autêntico ensino de história, [e] uma história menos preocupada com a erudição do que com a interpretação” (p.84).

A autora afirma que os acontecimentos revolucionários comprometeram parte do avanço historiográfico francês, e a história “migrou” para a Alemanha, sua pátria durante o século XIX. Com o romantismo, a história se encontra excessivamente focada no nacional, havendo o confronto entre duas perspectivas: a leitura revolucionária e a contra-revolucionária; “encontra-se verdadeiramente no centro do debate intelectual e político francês” (p.92) e todo um aparato institucional se instala, propiciando o desenvolvimento da erudição e a elaboração de um método histórico. A história passa a ser disciplina acadêmica e muda seu status, tornando-se ciência. A derrota para a Prússia em 1870 influencia a obra histórica, fazendo com que o discurso ideológico e legitimador seja destacado, num movimento de “*politização das mentes*” (p.102). A Escola Metódica traz a renovação do ensino, a análise minuciosa de arquivos e textos, num processo objetivador da fidelidade ao acontecimento. Dessa forma, constitui um método histórico, que “influenciou a pesquisa, a escrita e o pensamento histórico até os anos 30” (p.109).

Em “A História em questão: os grandes debates do século XX”, Marie-Paule Caire-Jabinet observa um alargamento de horizontes. A história é renovada no contato com a sociologia e a geografia. Nos anos 20, em oposição à história nacional, procura-se trabalhar com uma história comparativa das civilizações, orientada para as diferentes ciências humanas, como importância determinante para o fator econômico. Nesse viés a autora destaca Ernest Labrousse como “verdadeiro fundador da revolução historiográfica” (p.116).

A história se reorganiza a partir de 1929 com a publicação da revista dos Annales, que nasce com o objetivo de inscrever a história numa reflexão econômica e social, rompendo com a Escola Metódica, encarada como “historicizante” e com o dogma “história se faz com textos”. Os Annales preocupam-se com a atualidade e o tempo presente, valorizam a interdisciplinaridade, retomando as propostas de Voltaire, quanto a renovação do campo historiográfico. A autora “exalta” que a Escola dos Annales “difundiu os princípios da pesquisa francesa pra muito além das fronteiras nacionais e mesmo européias” (p.08/09). De maneira sintética Marie-Paule expõe as três gerações dos Annales, bem como algumas tendências atuais de leituras historiográficas, enfatizando sempre a “renovação” dos Annales à historiografia.

Marie-Paule Caire-Jabinet, durante todo o texto, permite transparecer a admiração pela historiografia francesa e pela Escola dos Annales, e até mesmo de sua inserção nessa linha de pensamento, postura esta que acaba dando o “tom” da sua obra, que vem contribuir para a construção de um panorama geral sobre a historiografia. A maneira de escrever, explicativa, com a presença de citações pertinentes, facilita a compreensão. No entanto, muitas vezes essa postura se coloca em detrimento de uma visão mais apurada de outras contribuições teórico-metodológicas, como o Marxismo, por exemplo.